

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

O QUE AS CRIANÇAS CONTAM SOBRE A CIDADE¹ WHAT CHILDREN TELL ABOUT THE CITY

Claudia Eliane Ilgenfritz Toso², Gabriel Da Silva Wildner³

¹ Pesquisa realizada no curso de Pós-Graduação Doutorado em Educação nas Ciências da Unijuí; Grupo de Pesquisa Ensino e Metodologia em Geografia e Ciências Sociais

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí; Bolsista Capes/Prosup

³ Acadêmico do Curso de Arquitetura da Unijuí; Bolsista Pibic

1 INTRODUÇÃO

Quem tem direito à cidade? Esta é uma das perguntas que provocam nossas reflexões. Temos como objetivo apresentar fragmentos de falas de crianças sobre a cidade. É um relato sobre um trabalho de pesquisa que está sendo desenvolvido e que envolve professores e alunos do 3º ano do Ensino Fundamental de Santo Ângelo - RS e Ribeirão Preto - SP. O trabalho foi planejado juntamente com duas professoras de uma escola comunitária do município de Santo Ângelo. Escrever cartas somente faz sentido se forem enviadas a alguém, pois elas são um gênero textual específico, mas que se caracteriza pela troca entre diferentes pessoas. É uma forma de apresentar às crianças um gênero textual que está praticamente em desuso. Assim, optamos por convidar professores de Ribeirão Preto (SP) para que desenvolvessem a mesma proposta com alunos de 3º anos, orientando a escrita de cartas pelas crianças e que as enviassem ao Rio Grande do Sul. Neste texto abordaremos os conceitos de cidade e de urbano, diferenciando-os, além de reflexões sobre o direito à cidade e como as crianças se relacionam com a cidade. Apresentaremos ainda, fragmentos das cartas escritas pelas crianças contando sobre o que consideram importante de suas cidades e de forma sucinta sobre a metodologia adotada durante a pesquisa.

2 METODOLOGIA

O campo teórico metodológico da pesquisa se orienta na perspectiva da teoria crítica e da hermenêutica. Adotamos como princípio a articulação entre o campo teórico e o empírico, pois a fragmentação de ambos, realizando discussões em separado nos parece frágil teoricamente. Sustentam a escrita além da pesquisa e análise bibliográfica, cartas escritas por alunos do 3º ano de uma escola comunitária de Santo Ângelo - RS e de Ribeirão Preto - SP.

As cartas foram escritas e trocadas entre as crianças. Posteriormente, foram digitalizadas para que pudessem ser analisadas. Os professores que desenvolveram a proposta não foram orientados a trabalhar com a questão conceitual, as crianças escreveram sob orientação dos docentes. Foi construído o seguinte roteiro para a escrita:

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

- Apresentar o município;
- Origem do município;
- “Composição” espacial do município: zona rural e urbana;
- Limites;
- Localização do município no estado;
- Atividades econômicas do município;
- Por que é importante vir conhecer seu município?

Durante a realização do trabalho, as crianças não estavam alfabetizadas e que fazem parte das turmas também participaram, desenhando e/ou ditando ao professor o que gostariam de contar na carta. A ideia era oportunizar a todos uma interlocução com outra criança de uma região completamente diversa da sua, neste caso, entre sujeitos que pertencem a municípios completamente distintos.

Elegemos a metodologia indiciária para análise dos dados produzidos a partir das entrevistas e das cartas. A metodologia indiciária busca elementos definidos por muitos como secundários, mas que tem como intuito investigar detalhes realizando análise complexas. Carlo Ginzburg é a principal referência e é muito utilizada por pesquisadores da micro história. É a possibilidade de encontrar pistas ou indícios nos diferentes materiais. Buscamos nas cartas escritas pelos alunos apresentando fragmentos que poderiam nos auxiliar nas análises e interpretações, articulando com o campo teórico. Foram escritas 51 cartas pelas crianças (22 em Santo Ângelo - RS; 29 Ribeirão Preto - SP). Seguindo a metodologia indiciária tentamos pinçar os elementos que nos interessam na pesquisa, mas aqui apresentamos somente alguns deles.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De Uruk - considerada a primeira cidade do mundo - a Ribeirão Preto ou Santo Ângelo - cidades atuais, os espaços são advindos de um mesmo movimento inicial de construção e criação que contam a sua história, por isso a cidade além de lugar de experiências humanas é registro de sua própria história. As cidades nascem de um processo de sedentarização, que foi proporcionado por uma nova relação entre o homem e os espaços da natureza já que para se fixar em um local o homem precisaria ter domínio do território para sobreviver, principalmente no que tangia a suprir suas necessidades básicas. Raquel Rolnik (1988, p. 8) sobre a cidade, escreve que “fruto da imaginação e trabalho articulado de muitos homens, a cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza, isso porque é um movimento essencialmente humano que funciona sob um já existente, natural e já estabelecido para funcionar de tal forma”.

Para Max Weber, a cidade essencialmente voltada para a troca e comércio e o campo como elemento apenas de produção, representa uma condição de economia urbana dividida em economia doméstica e economia nacional. Portanto, cidades não são amontoados de moradias e atividades econômicas básicas, a dimensão do conceito de cidade deve fazer referência a aspectos e relações não econômicas também. Isso indica que o conceito de cidade deve ser examinado por

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

outra ótica que não exclusivamente econômica. Cotidianamente a cidade vem sendo pensada de forma superficial, ignorando o aspecto social da construção do espaço. O que tem que ser compreendido é que a construção das cidades e principalmente dos espaços nela existentes vem de um processo comum de um grupo em determinada época. As cidades são as mais complexas formas expressão de um povo, elas contam a história das atividades praticadas por ele em determinada época.

Não há uma única forma de pensar as cidades, pois ela é vivenciada e pensada de maneiras diferentes por cada indivíduo que a vive. Nesse sentido, a ideia de cidade como construção humana, produto do social nos remete ao conteúdo materializado e acumulado de geração a geração dentro da relação da sociedade com a natureza. Como forma de expressão e significação do social, a cidade se mostra como resultado concreto de um movimento contínuo que incorpora ações do passado resultando no presente e construindo o futuro da comunidade. Desse modo, a cidade se mostra como finalidade – pensando no aspecto de construção histórica – produção do homem e a concretização da vida do mesmo. “Ao produzir sua vida, a sociedade produz/reproduz um espaço através da prática socioespacial” (CARLOS, 2007, pág. 21), isso é concretizado pelas relações do social que produzem o espaço urbano através da apropriação de um lugar de determinada época que é a reprodução na sociedade.

Já o conceito de urbano se vê fortemente vinculado a uma sociedade capitalista industrial, isso porque a essência do fenômeno urbano reside na ideia do capital vinculado às inovações da indústria. Remy & Voye (1976, p. 82) compreendem que o urbano se relaciona ao processo de urbanização que se constitui como um processo de transformação da sociedade capitalista e impulsiona a mesma. Para Santos (1994, p. 69) o urbano é frequentemente o abstrato, o geral, o externo. Do inverso da visão de cidade, o urbano não é o físico, as construções de uma cidade, e sim as atividades econômicas, processos sociais e a cultura dentro da esfera cidade. Complementando, para Carlos (1994, p. 181) “o urbano é mais que um modo de produzir, é também um modo de consumir, pensar, sentir, enfim é um modo de vida”, isto é, o movimento que a sociedade faz em torno de suas atividades essenciais em busca da melhor forma de se viver dentro das possibilidades da realidade de cada um.

Harvey (2014) escreve sobre o direito à cidade e que existem muitos movimentos no mundo todo que lutam por esse direito, que é um direito coletivo. Não é possível exigir esse direito sem conhecer a cidade e sua história, como ela foi construída. A nostalgia dos grandes centros históricos, o regressar ao coração da cidade, isso é o direito à cidade. Esse qual não pode ser visto como simplesmente visitar ou regressar, é mais, é o direito à vida urbana. Todo indivíduo em uma sociedade possui suas necessidades, das básicas as mais específicas, mas existe um determinado ponto que necessidades específicas não conseguem satisfazer os equipamentos de ordem comercial e cultural. Isso porque se trata de uma necessidade de materiais que não são consumíveis, de informações e de símbolos. “No seio dos efeitos sociais, devido a pressão das massas, o individual não morre e se afirma” (LEFEBVRE, 2001, p. 116), dessa forma, o autor descreve o surgimento dos direitos concretos, que complementam os direitos abstratos, conquista essa que se dá principalmente pela pressão da classe operária.

O direito à cidade é gozar dos espaços e da sua possibilidade de frequentar e apreender esse lugar

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

intimamente da forma que preferir, é associar a cidade ao seu cotidiano ou vê-la diariamente como um espaço novo, é traduzir a história da cidade pelos locais construídos sem as barreiras que as questões do socioeconômico impostas. O direito à cidade, segundo o autor, é a recuperação coletiva do espaço urbano, principalmente direcionado aos grupos marginalizados.

É possível ainda questionar sobre como a escola trabalha, com os conteúdos e conceitos, que podem auxiliar na leitura do mundo em que essas crianças vivem e que possam exigir o direito à cidade. Os alunos ao conhecer o lugar em que moram e se relacionar com ele, podem estabelecer vínculos e sentir-se pertencente a ele. As crianças que escreveram as cartas relatam aos seus interlocutores sobre a cidade em que vivem e apresentam dados históricos dela. Nas cartas mostram vínculos afetivos com a cidade. Em Santo Ângelo elas apresentam a Catedral como linda e convidam seus interlocutores a conhecê-la. O Aluno 3RP[1] diz que: “... *mas quero que você saiba que minha cidade é linda nela tem rios que a enfeitam...*”.

Para escrever sobre a cidade, também consideramos que as crianças possam compreender como ela se constitui e principalmente possa fazer a leitura de mundo, pois assim será capaz de exercitar a cidadania. As situações ou atividades que as professoras desenvolvem com as crianças nos anos iniciais podem auxiliar nesse processo, por exemplo, quando elas fazem referência a elementos que compunham a realidade vivenciada num passado e que atualmente não existem mais, faz com que percebamos que de certa forma estão olhando para a sociedade em que vivem e como as decisões políticas e econômicas nos afetam. É o caso do aluno 5SA “*O nome do nosso município é Santo Ângelo e aqui tem uma antiga Estação de Trem (Férrea), onde no passado desembarcavam e embarcavam pessoas e vagões de carga. Atualmente não usamos mais esse meio de transporte em nosso município e este lugar é MUSEU. Nós fizemos o desenho da antiga Estação Férrea para vocês. Hoje em dia usamos caminhões como transporte de carga e temos rodoviária e aeroporto para transportar as pessoas*”.

O aluno 11RP escreve mais ou menos no mesmo sentido “*Há muito tempo havia aqui uma ferrovia, que levava centenas de pessoas e também antes o que tinha mais era a zona rural. Depois começou a área urbana. Há vários rios que atravessam a cidade. Há muitos restaurantes, museus, cinemas, e dois campos de futebol...*”. Este é o sentido de se frequentar a escola e se alfabetizar. Callai (1996, p. 233) questiona “ao chegar à escola, ela vai aprender a ler as palavras, mas qual o significado destas, se não forem para compreender mais e melhor o próprio mundo?”. As palavras por si só não têm sentido, mas quando a criança as aprende e compreende o que significam e as utilizam como forma de organizar seu pensamento e ao mesmo tempo expressar a compreensão sobre algo relacionado ao mundo em que vive, aí sim, a alfabetização faz sentido.

Quando se estuda sobre a história da cidade ou da região, ou ainda, da comunidade indígena, é possível criar situações para que as crianças possam refletir sobre como essas populações sofreram os impactos do processo de colonização. Assim, os alunos entram em contato com uma narrativa história que rompe com a perspectiva tradicional em que os conflitos são ignorados. Nas cartas escritas pelos alunos de Santo Ângelo para os de Ribeirão Preto, essas questões aparecem, quando as crianças, por exemplo, contam que “... *há mais de 300 anos, nosso município era habitado por índios guarani e padres jesuítas espanhóis*” (Aluno 7SA). Este mesmo aluno faz referência a Guerra Guaranítica, mas não escreve sobre isso na carta.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Fragmentos das Cartas sobre a questão indígena

ALUNO 3SA:

Aqui viviam, antigamente, padres jesuítas e índios guarani que moravam em uma pequena vila construída na Praça Pinheiro Machado. Os padres jesuítas ensinavam os índios a rezar, cantar, fazer artesanato, e trabalhar, modificando a cultura indígena.

ALUNO 7SA:

Antigamente, **há mais de 300 anos, nosso município era habitado por índios guarani e padres jesuítas espanhóis.** Depois da guerra Guarânica o município foi repovoado e habitado por descendentes de alemães, italianos, poloneses e etc.

ALUNO 13SA:

Nosso maior ponto turístico é a Catedral Angelopolitana. Lá as pessoas se reúnem nos finais de semana para tomar chimarrão e para brincar. Ela é uma grande igreja construída pelos homens brancos. **Também tem o museu com objetos achados dos índios.**

Ao circularem pela cidade após conhecer como sua história foi construída, as crianças, poderão ter novos entendimentos sobre o que está nos livros e estabelecer novas relações entre o que o mundo da ciência produziu e o que o mundo da vida produziu. Tonucci (2005), que é um estudioso sobre a infância e realiza pesquisas principalmente na Itália, escreve que a experiência de circular pelas ruas das cidades a pé, tão comuns as antigas gerações cada vez mais tornam-se raras as gerações atuais. As crianças escrevem ainda sobre o que pode ser encontrado na sua cidade, como é o caso do Aluno 2SA que diz: *“na nossa cidade Santo Ângelo tem muitos lazeres, como por exemplo: sorveteria, pizzaria, praças, mercados, teatros, cinemas e etc”*. Enquanto o Aluno 1RP escreve que em Ribeirão Preto: *“Tem várias coisas legais, sorveteria, shoppings e mercados, clube aquático e ETC. Na escola quando vamos passear, sempre andamos de ônibus. Têm restaurantes dentro do shopping que tem comidas americanas e o Mc Donalds, vende também muitos brinquedos”*. Os espaços a que essas crianças se referem são pelos quais elas circulam, na maioria dos casos, são locais que podemos nominar de espaços de consumo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que ainda está em andamento nos traz alguns elementos que podem nos auxiliar na reflexão sobre o direito à cidade e, principalmente sobre o que as crianças nos contam sobre essa cidade. É possível constatar que crianças vivendo em contextos sociais e econômicos diversos, apresentam pontos de vista em comum sobre a cidade. E, com alguns fragmentos das cartas escritas por elas é possível visualizar isso.

Mesmo as crianças seguindo as orientações do roteiro apresentado pelas professoras e depois de realizar estudos sobre a cidade, conseguiram imprimir sua subjetividade ao relatar ao outro o que considerava interessante. Além de conhecer um gênero textual que praticamente não é usado atualmente, as crianças tiveram a oportunidade de conhecer a realidade vivida por outras crianças, demonstrando muito curiosidade. Para que isso ocorresse o planejamento realizado junto com os professores foi fundamental, bem como, os estudos realizados junto as turmas de alunos sobre a cidade, tendo em vista que este é conteúdo do 3º ano do ensino fundamental.

Os fragmentos das cartas nos dão indícios do quanto existem vínculos afetivos das crianças com suas cidades, ou com alguns lugares dessa cidade. Também é possível ver como as crianças se apropriam dos conhecimentos que fazem parte do cotidiano escolar e o que consideram pertinente contar aos outros. É na cidade que construímos nossas vidas, portanto, ao fazer referência a cidade deixamos transparecer como nos relacionamos com ela, se nos sentimos pertencentes ou somos sujeitos que vivem nela sem estabelecer vínculos maiores.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti; CALLAI, Jaeme Luiz. **Grupo, espaço e tempo nas séries iniciais**. AGB, Porto Alegre, 1996.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Os Caminhos da Reflexão Sobre a Cidade e o Urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

LÉFÈBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

REMY, J & VOYE, I. **La ciudad y la urbanización**. Madri: Instituto de Estudios de Administración Local, 1976.

ROLNIK, R. **O que é cidade?** 4.ed. São Paulo: editora brasiliense, 1998.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo, Globalização e Meio Técnico-Científico-Informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

TONUCCI, Francesco. **Quando as crianças dizem: agora chega**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

WEBER, M. **“Die Stadt”**, em *Wirtschaft und Gesellschaft*, Tübingen, J. C. B. Mohr, 1947, 3.^a ed. Londres: Heinemann, 1960.

[1] Usamos como forma de nominar os sujeitos da pesquisa, aluno e o número correspondente, seguido da sigla da cidade: SA para Santo Ângelo e RP para Ribeirão Preto.